

## ICONOGRAFIA NA INCLUSÃO DOS IDOSOS: UMA REFLEXÃO PSICOSSOCIAL SOBRE OS ÍCONES

Sarah Laís Silva de Freitas <sup>1</sup>  
Mariana Ginane Meira de Souza <sup>2</sup>  
Lucas Dantas Teixeira <sup>3</sup>  
Edmundo de Oliveira Gaudêncio <sup>4</sup>

### RESUMO

A partir do desenvolvimento demográfico hodierno, o prolongamento da vida faz necessária a mudança de interpretação imagética dos idosos, tendo em vista a manutenção da sua dignidade em detrimento da condição marginal apoiada por veladas construções de estereótipos. Assim, partindo de uma abordagem transdisciplinar, deve-se refletir sobre o ícone apostado em áreas de estacionamento reservadas às pessoas de mais de sessenta anos, constituído pela estilização estereotipada e extemporânea de uma pessoa curvada pelo peso dos anos e apoiada em uma bengala, o que não corresponde mais à figura pessoal e social de indivíduos sexagenários, plenamente atuantes em tal idade, melhor correspondendo, aquele ícone, ao imaginário distorcido da parte de uma sociedade gerontofóbica e uma velada cultura excludente.

**Palavras-chave:** iconografia, teoria epigenética, processos psicossociais

### INTRODUÇÃO

Todos conhecemos o ícone tomado como representação da velhice, sobretudo afixado nas vagas em estacionamentos direcionadas a pessoas acima dos sessenta anos. Trata-se da representação estilizada, simplificada, de um homem curvado pelo peso dos anos e apoiado em uma bengala. A questão que nos propomos investigar diz respeito a esse ícone e as propostas, atualmente discutidas, sobre a necessidade de mudança de tal representação, porque, de fato: a imagem representativa do(a) velho(a) aos sessenta anos corresponde, hoje, a alguém curvado sob o peso da idade, a ponto de necessitar apoiar-se em uma bengala?

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [sarahlais13@gmail.com](mailto:sarahlais13@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [marianaginane@gmail.com](mailto:marianaginane@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [lucasdteixeira@outlook.com](mailto:lucasdteixeira@outlook.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutor em Sociologia, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [edmundogaudencio@hotmail.com](mailto:edmundogaudencio@hotmail.com);

Hodiernamente, o envelhecimento tem se caracterizado friamente como uma condição torpe, inspirada no sentimento de penúria, um declínio – um tempo que conduz ao fim – à morte, como aponta Guimarães (2007). De fato, são evidentes os desgastes físicos inevitáveis, no entanto, é necessário ponderar com nitidez o futuro, visando contemplar também perspectivas mais realistas, positivas e completas acerca desse período do desenvolvimento humano.

Para além de basear-se na dignidade, mudar a representação de decrepitude associada ao ícone em questão faz-se urgente, pois já é uma realidade estatística que o crescimento da população idosa tem implicado significativas transformações nas relações sociais e econômicas, a exemplo dos entraves do sistema previdenciário. É, porém, a desvalorização da força produtiva aliada à desconsideração quanto aos interesses dessa faixa populacional que a colocam em uma conjuntura social marginalizada e de total desrespeito colocada no subliminarmente naquele ícone.

Partindo da proposta de mudança, apoiada pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), do símbolo representativo do idoso, de forma a não ser considerado pejorativo, buscou-se construir uma discussão sobre inadequação da representação, para pessoas acima de 60 anos, e a necessidade de substituição do ícone até hoje ainda utilizado, tendo em vista, para além da revisão de esterótipos, a necessária representação de uma boa velhice, na qual tem-se esse personagem como cidadão ativo em eventos socio-culturais e com participação econômica direta, como apontado por Moura (2017).

Nesse enfoque, o presente trabalho objetivou analisar, sob prisma humanístico, esse processo natural, tomando como base o estudo da construção iconográfica de Panofsky (1976) e a teoria do desenvolvimento psicossial – também conhecida por Teoria Epigenética – de Erikson e Erikson (1998), que, aliados à leitura de trabalhos contemporâneos, possibilitou-nos a construção deste trabalho, a ser entendido como Revisão Narrativa.

## **METODOLOGIA**

O seguinte processo foi adotado para elaboração do presente trabalho:

1. Estabelecimento da vertente para a temática central - o envelhecimento e seu ícone;
2. Coleta dos principais autores e trabalhos no campo da imagética, da filosofia e da psicologia;
3. Estudo dos trabalhos escolhidos e discussão entre abordagens dos raciocínios lógicos.

A busca de trabalhos complementares deu-se de forma ativa em Revistas Científicas brasileiras. Como priorizou-se a abordagem humanística, o critério de exclusão foi trabalhos sob prisma patológico estrito e os de inclusão foram trabalhos disponibilizados na íntegra e de forma gratuita, sem recorte temporal, possibilitando estudar autores importantes.

Dessa forma, foram analisadas oito obras, publicadas entre 1976 e 2016, abarcando publicações de natureza heterogênea, não incluindo obras sem caráter científico (folhetos, romances, artigos jornalísticos). Além disso, as obras complementares foram selecionadas conforme congruência nos pontos levantados pelos autores principais, o que constitui uma Revisão Narrativa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imagem a seguir que é idealizadora da discussão do presente trabalho é oriunda do projeto de lei 10.282 de 2018 em trâmite na Câmara dos Deputados cuja intuição é proibir o símbolo de identificação à esquerda, pois o considera perjorativo, prevendo mudança para o ícone à direita (CÂMARA, 2018).

**Imagem 1** – Símbolos antigo e o novo de identificação de idosos.



**Fonte:** Agência Senado, 2018.

O trabalho foi elaborado entre abril e maio de 2019, baseando-se nos autores identificados no Quadro 1.

**Quadro 1** – Obras contempladas no presente trabalho, apresentadas na ordem de aparecimento no texto abaixo.

<b>Autor(a)</b>	<b>Ano</b>	<b>Idéia central</b>
Panofsky	1976	Formação de ícones
Guimarães	2007	Problemática das políticas para o público senil
Siqueira <i>et al.</i>	2002	Relexão sobre perspectivas biologicista, economicista, sociocultural e transdisciplinar
Beauvoir	1970	Velhice sob abordagem transdisciplinar
Bondin	2014	Contemplanção sobre o envelhecimento e desencadeantes
Erikson e Erikson	1998	Teoria do desenvolvimento psicossocial ou da epigenética
Trapp <i>et al.</i>	2016	Fatores para exclusão social dos idosos
Torres e Sá	2008	Observações sobre a inclusão

**Fonte:** Elaborado pelos autores do presente trabalho.

Os ícones, em sua construção e em sua leitura, segundo Panofsky (1976), devem ser entendidos a partir de três etapas:

1. Tema primário ou natural, correspondente à descrição da obra visual, isto é, à captura das formas, cores, objetos representados, a pré-concepção do ícone, a pré-iconografia.

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

2. Tema secundário ou convencional, no qual apreende-se a percepção da figura congregando motivos artísticos e suas composições com assuntos e conceitos, gerando, pois, um meio para sua expressão, a exemplo da oralidade ou do imagético.
3. Significado intrínseco ou conteúdo - equivalente ao significado da obra visual bem como suas implicações no contexto histórico, social e cultural, ou melhor, a apreensão determinada por princípios subjacentes indicadores da atitude básica de um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica.

Nesse enfoque, de acordo com etapas supracitadas, a imagem representativa do grupo senil, muito embora preserve parte da composição ao manter o meio simbólico, muda a representação do objeto em detrimento da postura cansada e da bengala antes usadas para identificação etária, resignificando, então, a posição desse grupo a partir de um contexto mais amplo do que apenas relativo à deterioração física.

De fato, os avanços da medicina viabilizam um prolongamento da vida e um expressivo aumento de sua qualidade, no entanto, paralelamente, não se tem proporcionalidade quanto à re-inserção na vida sócio-cultural, mesmo com as crescentes discussões sobre aposentadoria, segurança e facilitações ao acesso a bens artísticos e a viagens. Entretanto, o problema nessas iniciativas “reside no fato de elas atuarem de fora para dentro, desrespeitando o ser humano do ponto de vista de sua capacidade”, conforme observa Guimarães (2007). Nesse enfoque, as políticas reforçam o verdadeiro dilema desse grupo: a solidão ou o vazio existencial potencializado pela falta de perspectiva.

Esse problemática, como salientado por Siqueira *et al.* (2002), põe em destaque, portanto, o conflito entre múltiplas óticas, a exemplo da “biológico/comportamentalista” responsável, por destacar o processo de decrepitude física gerada pela degeneração fisiológica e por caracterizar o senil como portador de diversas comorbidades simultaneas, apesar de apontar, corretamente, as mudanças no perfil populacional e as implicações disso nas políticas públicas de saúde. Não obstante, surgiram outros viéses fundamentados na noção de integralidade humana, pautando a discussão da posição na estrutura produtiva (“economicista”), na construção social do envelhecer (“sociocultural”) e na abordagem “transdisciplinar”, na qual são abordadas todas as três ordens anteriores, tal como defendido por Beauvoir (1970) em “A velhice”, e melhor expressa no ícone proposto em substituição àquele. Dito de outra forma, no primeiro ícone (hoje criticado, sendo sugerida a sua substituição pelo segundo) mostra-se a decrepitude de uma velhice que hoje não se instala mais aos sessenta anos; no segundo, de

forma não estereotipada, apresenta-se a estilização de uma homem ereto ao lado do algarismo 60 + (ou sessenta e mais anos, subentende-se).

Pondo-se os dois ícones em comparação, deduzimos que, de fato, não existe uma velhice única, mas sim um espectro cuja pluralidade deriva das interrelações de olhares e visões que constroem esse conceito. No âmbito individual, como observado por Bondin (2014), a reflexão acerca da temática, majoritariamente, se dá como consequência do processo doença, no qual tem-se um estranhamento com seu próprio organismo e até com a iminente finitude da vida, o que seria expresso no primeiro ícone, a ser considerado estigmatizante, quando em comparação com o segundo, no qual se pode ler não “mais de sessenta” e, sim, “sessenta e mais”, o que estaria em conformidade com a aumento da longevidade humana, justo quando se fala em “quarta idade”.

Em consonância com ideia de uma velhice produtiva e socialmente inserida, Erikson e Erikson (1998), com base nas teses de Sigmund Freud acerca de superego, ego e id, defendem, em sua Teoria Epigenética, que a vida humana se divide em oito estágios de desenvolvimento da personalidade, nos quais a velhice corresponde aos dois últimos, expressos através de conflitos entre generatividade *versus* estagnação e integridade do ego *versus* desespero, aqui interessando-nos sobretudo a generatividade, cuja expressão maior é o desejo de cuidar, típicos dos avôs e avós que, sendo praticada, levaria à integridade do ego e à evitação do desespero.

Todavia, tal qual exposto por Trapp *et al* (2016), o isolamento, aliado à independência dos membros familiares, enfraquece as relações, tornando necessário ponderar a inserção do idoso em lugares apropriados, respeitando suas particularidades e estimulando-o. Assim, de acordo com Torres e Sá (2008), a inclusão está ligada diretamente à proteção social e garantia de direitos, alicerçados no envolvimento e na compreensão da pessoa tanto como singular como pertencente à um coletivo. Por isso, a necessidade de proteção de direitos sociais referentes ao idoso(a), tal como, por exemplo, facilitação da acessibilidade espacial, preservação da saúde, mediante políticas sociais de assistência à saúde – bem como a proposição de novos ícones para a representação sócio-imagética, de forma mais fidedigna, desse grupo, não antecipando, através de imagens visuais, preconceitos limitantes e negativos, capazes de, subliminarmente, vulnerabilizar pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ícone até hoje utilizado para representar o idoso, qual seja, um sujeito alquebrantado por sessenta anos de vida, a ponto de necessitar apoiar-se em uma bengala, tem duas facetas: primeira, reflete a construção social do objeto representado; e, segunda, pode cristalizar, no imaginário social, o estereótipo social quanto ao encerramento da vida aos sessenta anos. Desse modo, propor a substituição daquele ícone por um outro, em que se represente a imagem estilizada do ser humano ereto, encimada pela expressão “60+”, constitui-se como medida que, em lugar de representar o total deterioro orgânico produzido pelo envelhecimento, já aos sessenta anos, tornaria possível representar a idade de sessenta anos não como um fim, mas como um recomeço. Ou seja, enquanto o antigo ícone aqui discutido representaria a velhice como algo determinado pela ideia subliminar do “até sessenta” pela ideia de “sessenta e mais”, tal como demonstrado pelo aumento da longevidade humana – que há que ser acompanhada pela preservação de direitos essenciais à adequada dignidade humana, em qualquer que seja a idade e para qualquer que seja a pessoa, isso se constituindo como direito pessoal e dever de Estado.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro, 1994.

BORDIN, E. J. S; NODARI, L. C. L. **Envelhecer**: o que é e como pensa-lo. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2890/TCC.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15 de maio de 2019.

CÂMARA. Projeto proíbe que símbolo de identificação de idoso seja pejorativo. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/564647-PROJETO-PROIBE-QUE-SIMBOLO-DE-IDENTIFICACAO-DE-IDOSO-SEJA-PEJORATIVO.html>> Acesso em: 10 de maio de 2019.

ERIKSON, E. H; ERIKSON, J. **The life cycle completed**. Canada, 1998.

GUIMARÃES, E. C. “Reflexão sobre a velhice”. **Periódico Oficial do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 2007, p 11-23. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2890/TCC.pdf?sequence=1>> Acesso em: 14 de maio de 2019.

MOURA, T. Iconografia de idosos em comunicações marcárias publicadas nas mídias sociais. **Theses and Dissertations**. USP. São Paulo, 2017. Disponível em: <

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-17112017-110058/publico/TIEMYMOURA.pdf>> Acesso em: 14 de maio de 2019.

SIQUEIRA, R. L.; BOTHELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. “A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais”. **Ciência & Saúde Coletiva**, volume 7. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v7n4/14613.pdf> > Acesso em: 14 de maio de 2019.

PANOFSKY, E. **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva (coleção Debates Arte), p.47-87, 1976.

TORRES, M. M; SÁ, M. A. A. “Inclusão social de idosos: um longo caminho a percorrer”. **Revista Ciências Humanas**. Unitau, 2015. Disponível em: < <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/203/109> > Acesso em: 15 de maio de 2019.

TRAPP, E. H. H; FIGUEIREDO, J. O; GEORGETTE, R. S. “Inclusão social do idoso: fatores relevantes e a atuação do psicólogo”. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, 2016. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/33832> > Acesso em: 20 de maio de 2019.